RESUMO - ENTOMOLOGIA E ACAROLOGIA

RELATO DE CASO: USO DA TERAPIA LARVAL EM GATO COM FERIDA POR MORDEDURA

Lirieni Marques Da Silva (lirienisilva.aluno@unipampa.edu.br)

Janaína Brand Dillmann (medvetjana@gmail.com)

Talissa Silva Dos Santos (talissamedvet@gmail.com)

Gabriela De Oliveira Elias (gabriela.oliveira.e@gmail.com)

Mireli Giovelli (mireligiovelli@gmail.com)

Ana Carolina Koenemann Franco (anacarolina.ack@gmail.com)

Clarisse Chaves Barros (clarissecb16@outlook.com)

Rafaela Kossmann Lima (rafaelaknlima@gmail.com)

Carolina Pippi Torri (carolinaptorri@gmail.com)

Fiama Giacomelli Scolari Valente (fiama.scolari@acad.ufsm.br)

Silvia Gonzalez Monteiro (silvia.g.monteiro@ufsm.br)

A terapia larval é a utilização de larvas oriundas de ovos desinfectados de dípteros da família Calliphoridae, selecionadas pelo hábito necrobiontófago,

usadas em feridas de difícil cicatrização. As larvas atuam produzindo enzimas digestivas, como proteases, que promovem a liquefação do tecido necrosado, além de apresentarem eficácia no controle de bactérias produtoras de biofilme e de Staphylococcus aureus resistente à meticilina (MRSA). Acidentes causados por mordedura são comuns na rotina clínica veterinária, necessitando de atenção e cuidados especiais devido ao alto potencial de contaminação das feridas e à transmissão de agentes patogênicos pela microbiota oral. Além disso, as lesões podem ser extensas dificultando a cicatrização e facilitando a ocorrência de infecções pela exposição tecidual. O presente relato descreve o uso de larvas de Lucilia cuprina no tratamento de uma ferida por mordedura com presença de bactéria multirresistente. Uma gata de 2 anos, SRD, castrada, foi atendida no Hospital Universitário da UFSM, com histórico de mordedura causada por outro gato, levando a extensa lesão na região abdominal, o animal foi tratado convencionalmente com fármacos por 10 dias, porém, sem melhora significativa. Vários medicamentos foram utilizados no tratamento, como: cloridrato de tramadol, amoxicilina tri-hidratada e clavulanato de potássio, dipirona e meloxicam. O animal também apresentou anorexia e necrose local, sendo administrado ceftriaxona e robenacoxibe por 3 dias. Na consulta, os parâmetros clínicos estavam alterados e foi indicada a internação, onde foi feito o controle da analgesia com dipirona e metadona, juntamente com antibioticoterapia com ceftriaxona, além do uso da fluidoterapia com Ringer Lactato. Durante a internação, foram realizadas 2 aplicações de larvas L1 da espécie L. cuprina, envoltas em uma gaze, fixadas no local da ferida por meio de atadura e deixadas por 48 horas na lesão. Apesar do adequado desbridamento após as aplicações de larvas e do início do processo de reparação tecidual, a lesão não apresentou fechamento completo. Diante disso, realizou-se investigação bacteriológica associada ao teste de suscetibilidade aos antimicrobianos, sendo identificado Acinetobacter sp. multirresistente, patógeno frequentemente associado a infecções hospitalares, com sensibilidade apenas ao imipenem. Instituiu-se, então, o tratamento com o antimicrobiano de eleição, resultando na completa cicatrização da lesão. A terapia larval mostrou-se efetiva no desbridamento e limpeza da ferida contaminada, sendo uma ótima alternativa para animais que apresentam feridas extensas, infectadas e necrosadas.

Palavras-chave: desbridamento; ferida; lucilia cuprina.